

Editorial

É com alegria que vem a lume este número da Revista *Dois Pontos* dedicado à obra do filósofo alemão Johann Gottlieb Fichte (1762-1814), tão pouco estudado entre nós e, no entanto, tão importante, não só historicamente para a gênese da filosofia clássica alemã e do primeiro romantismo alemão – no fundo, tanto Hölderlin, Novalis, os irmãos Schlegel, quanto Schelling e Hegel nunca deixaram de ser e de se reconhecer como alunos de Fichte – como também devido à sua rica, original e ampla contribuição para o conceito de subjetividade e, evidentemente, para uma radical formulação sistemática da filosofia transcendental – nesse sentido, aliás, a doutrina da ciência de Fichte, como mostram os presentes artigos, oferece elementos instigantes para os atuais debates filosóficos em torno da compreensão do sujeito e da própria forma de se fazer filosofia.

A ocasião para esta edição foi o *VII Congresso Fichte* da Associação Latino-Americana de Estudos sobre Fichte (ALEF), ocorrido na UFSCar em novembro de 2024 e que contou com renomadas/os investigadoras/os do pensamento fichteano e da filosofia clássica alemã, nacionais e internacionais. O número, contudo, também contém artigos enviados no modo “fluxo contínuo”. Enquanto princípio orquestrador das contribuições inscreve-se o tema do congresso: “A doutrina da ciência e seus deslocamentos”. Com “deslocamentos” entenda-se os deslizamentos doutrinários e as torções de significação operados ou sofridos pela doutrina da ciência de Fichte; portanto, deslocamentos em sentido *sistemático* e *histórico*: deslocamento do suprasensível ao sensível como procedimento articulador *sistemático* da doutrina da ciência; deslocamento expositivo das várias e diferentes versões da doutrina da ciência; deslocamento *histórico* da recepção e dos remanejamentos sofridos pelo pensamento de Fichte; deslocamento político das possíveis apropriações críticas da obra fichteana. É sob esse pano de fundo que se apresentam as contribuições deste volume. Algumas versam sobre deslocamentos imanentes ao percurso intelectual de Fichte, resultantes do desenvolvimento da obra em seu combate interno e externo com outros autores, como é o caso dos artigos de Zöller, Acosta e Lohmann. Outras contribuições reconstróem as mudanças operadas por Fichte sobre conceitos da tradição, como o artigo de Meotti, ou sobre as posições filosóficas de outros autores, contemporâneos de Fichte – no artigo de Fracalossi, é a Filosofia Elementar de Reinhold que está em jogo –, ou reconstróem ainda os deslocamentos de outros autores realizados na e a partir da filosofia de Fichte – é o que faz Assumpção em seu artigo acerca do idealismo mágico de Novalis. Por fim, há um conjunto de artigos que se debruça sobre possíveis atualizações do pensamento fichteano, tanto no domínio da crítica ao patriarcalismo, entendido como um dogmatismo – como faz Paz Lamas – ou no domínio do pensamento oriental – como propõe Santoro – quanto nas discussões filosóficas contemporâneas, seja as da filosofia da linguagem (é caso do artigo de Pierre Louis), seja as da fenomenologia contemporânea – como demonstra a contribuição de Schnell.

Agradecemos a todas e todos que participaram deste volume – desde editores e pareceristas até toda a equipe de assistência editorial da Revista: o avanço na pesquisa em torno da obra de Fichte proporcionado por este volume não teria sido possível sem o cuidadoso e dedicado trabalho destas e destes.

Francisco Prata Gaspar (UFSCar)